

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE HISTÓRIA – IH

A ELEIÇÃO DE 1980 NOS ESTADOS UNIDOS:

Uma análise do quadro político-social e diálogos entre conservadores e reacionários

Letícia Covas Fernandes Fonseca

Orientação: Fernando Castro

Rio de Janeiro

Janeiro/2020

LETÍCIA COVAS FERNANDES FONSECA

A ELEIÇÃO DE 1980 NOS ESTADOS UNIDOS:

Uma análise do quadro político-social e diálogos entre conservadores e reacionários

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em História.

Orientador: Fernando Castro

Rio de Janeiro

Janeiro/2020

AGRADECIMENTOS

Ao abrir a ala dos agradecimentos não poderia deixar de reconhecer e exaltar os meus pais, Carlos Alberto e Fátima Cristina, que sempre priorizaram a mim em quaisquer circunstâncias, me apoiando e dando todo o suporte necessário para que eu realizasse os meus sonhos. Hoje tenho o orgulho de dizer que sou colega de profissão dos dois e gostaria de ampliar o reconhecimento aqui deixado não apenas às coisas que vocês fazem e já fizeram por mim, mas também congratular por serem exemplos no que tange à educação pública, gratuita e de qualidade do nosso país. Obrigada por todo suporte familiar, emocional e financeiro que vocês puderam me proporcionar. Agradeço do fundo do meu coração pelo apoio em todos os momentos da minha vida e, em especial, a partir do momento em que decidi cursar História e ser professora como vocês. No mais, gostaria de registrar que eu os amo.

Em seguida gostaria de agradecer aos meus avós paternos e maternos, Maria, Joaquim, Maria e José, os quais possuem uma história de vida bastante semelhante que os privou de estudar e, mesmo assim, sempre reconheceram a educação como um fator de transformação social e agregaram à ela máxima importância. O apoio de vocês também foi essencial para esse processo e para que eu chegasse até onde estou. Um agradecimento especial às minhas avós Marias que me criaram quando criança com todo o amor do mundo para que os meus pais pudessem trabalhar ou desenvolver outras atividades de especialização e estudo. Obrigada pelos mimos, pelos almoços gostosos, por cuidarem de mim quando eu estava doente e tudo mais que fizeram por mim. Vocês são mulheres muito fortes.

Nesse momento gostaria de agradecer nominalmente à minha madrinha Marcelle e ao meu tio Bráulio pelo carinho, parceria e ajudas ao longo da minha formação. Obrigada por mostrarem-se presentes para o que eu precisasse, assim como por acompanhar o meu aprendizado desde os anos básicos de ensino. Nascer em uma família de professores e professoras sem dúvidas foi um diferencial para que eu enxergasse essa profissão com tanto apressamento e decidisse seguir por ela. Vocês fazem parte disso, obrigada. Também contemplarei neste espaço meu padrinho Sérgio e minha tia Márcia, aos quais também agradeço por acompanharem o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico, estando presentes e participando da minha educação com muita

paciência e carinho. Agradeço também à minha tia Cremilda e meu tio José Antônio por todo amor dado, assim como pela atenção e conversas que temos. Obrigado por estarem presentes em minha trajetória. Vocês são muito importantes.

Não poderia deixar de citar todos os meus primos e primas, pessoas incríveis com as quais eu possuo ampla identificação desde a infância, cumplicidade, carinho e grande apresso. Obrigada Ana Paula, Leonardo, Luzia, Matheus, Amanda, Alessandra e Ana Beatriz por estarem sempre me divertindo, confortando, ouvindo e, sobretudo, pelo companheirismo. Eu os(as) amo muito e sei que posso contar com vocês em todos os momentos. Sou muito grata por ter uma nova geração de pessoas na família tão divertidas, leves e mente aberta.

Partindo agora para a minha segunda família, pretendo fazer um agradecimento especial à minha companheirinha Raphaela, a pessoa mais cabeça dura e amável do mundo ao mesmo tempo. Sou muito grata por ter você na minha vida dando suporte emocional, carinho, amor e tudo mais que você possa dar. Obrigada por ter se empenhado em me ajudar a arrumar tempo e disposição para escrever esta monografia de forma tão corrida em um ano de sobrecargas com trabalho, faculdade e vida pessoal. Você é uma pessoa muito importante e que fez parte de boa parcela desse processo de formação intelectual que tive na faculdade de História. Também preciso agradecer pelas cervejas e conversas na saída da faculdade, pelas vezes que você saiu de casa tarde da noite para me buscar no IFCS porque se preocupava comigo voltando sozinha do centro e tudo mais que você já fez por mim. Eu te amo.

Continuando os agradecimentos, quero mencionar três pessoinhas muito especiais para mim, pelas quais sou muito grata. Emanuel, muito obrigada pelo seu jeito único de me confortar e por quase sempre ser a pessoa mais sincera da face da terra. Isabella, eu nem sei por onde começar a agradecer pela sua amizade companhia e apoio, eu não teria um adjetivo melhor para dar à nossa amizade se não cumplicidade. Obrigada por se uma amiga incrível e uma mulher tão extraordinária. Matheus (Bufalinho), eu sou muito grata por ter você na minha vida ao longo de tantas etapas. Pode acreditar que a sua presença sempre tão leve e calma foi fundamental para que eu não surtasse. Eu amo muito vocês e obrigada por estarem presentes. Sou muito grata pelas conversas, saídas, carinhos, palavras de apoio, etc. Contem comigo para qualquer coisa. Também gostaria de agradecer aos amigos(as) Hyury, Alana, Tatiane, Vitória,

Helena, Mariana, Jade, Milana e Laís, que mesmo com os distanciamentos e barreiras que o cotidiano nos impõe estariam presentes na minha vida de alguma forma, sempre com muito carinho e amor.

Gostaria de agradecer também aos poucos colegas de graduação que mantive contato ao longo de todos esses anos. Gabriel Henrique, Gabriel Costa, Leonardo, William, Tayná e Bruna, eu desejo tudo de bom para a carreira e vida pessoal de cada um de vocês. Espero que todos e todas estejam preparados para essa nova geração de historiadores(as) incríveis que está se formando. Amplio o meu agradecimento aos colegas da turma de Prática de Ensino e Didática Especial, com os quais aprendi muito e me aproximei no último ano da graduação. Muito obrigada pelas conversas, pelas trocas e por fazerem parte da minha formação como professora de História.

Por fim, quero agradecer e parabenizar todos os professores e professoras que me deram aula ao longo da graduação. As idas e vindas pelos Institutos de História e Educação da UFRJ foram muito enriquecedoras e repletas de profissionais incríveis. Um agradecimento especial ao professor Fernando Castro que orientou todo o processo de confecção desta monografia, apresentando-se como solícito e paciente em todas as etapas, me acalmando quando necessário e apresentando sugestões. O segundo agradecimento nominal é à professora Alessandra Nicodemos que fez parte da minha formação ao longo do último ano de faculdade como mentora das matérias de Prática de Ensino e Didática Especial, sendo uma pessoa fundamental para o processo de aprendizagem de que tipo de profissional eu quero ser. Um muito obrigada à todos os professores e professoras, espero vê-los em breve.

RESUMO

A partir de uma análise conjectural da sociedade norte americana da segunda metade do século XX, o trabalho propõe-se a compreender de que forma ocorrem correlações entre as políticas domésticas e internacionais no imaginário popular e como estes cenários podem convergir para a ascensão de um arsenal de discursos conservadores e reacionários. Nesse sentido, a dissertação examina a trajetória política dos Estados Unidos no recorte temporal supramencionado visando alcançar as eleições presidenciais de 1980 e a vitória de Ronald Reagan – evento que ficaria marcado na história norte americana como uma importante guinada da “nova direita”. Pensa-se ainda de que forma as conjunturas enfrentadas por cada chefe de Estado dentro do recorte em questão refletem nas suas popularidades e auxiliam no processo da guinada conservadora e reacionária, o que incluiria acontecimentos externos ao país ou recessões econômicas. O trabalho divide-se em duas partes sendo a primeira em uma perspectiva voltada para a trajetória social dos Estados Unidos e a segunda parte uma análise de ações políticas, assim como de plataformas de campanha, planos de governos e conflitos internos da administração pública.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. PARTE I: Contracultura, Movimentos Sociais e a “Ameaça Social”.....	5
3. PARTE II: Correlações entre as esferas políticas domésticas e das relações internacionais nos Estados Unidos da segunda metade do século XX.....	14
4.1 A Trajetória de Kennedy à Carter.....	14
4.2 A Eleição de 1980 e Ascensão de Ronald Reagan.....	21
4. CONCLUSÃO.....	26
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

INTRODUÇÃO

A proposta desta dissertação é examinar a conjuntura política e social que viabilizou a vitória de Ronald Reagan nas eleições presidenciais norte americanas de 1980, partindo de uma análise dos discursos reacionários, assim como dos neoconservadores e a chamada “nova direita” nos Estados Unidos. Nesse sentido, torna-se uma peça fundamental o debate teórico que diferencia o espírito reacionário do conservadorismo, percebendo as suas respectivas formas de engajamento político e de que forma estes podem dialogar para contrapor possíveis ameaças à ordem social, mobilizando-se para protegê-la.

Recorrendo aos acontecimentos das décadas anteriores busca-se uma ampla compreensão acerca da formação dos discursos supramencionados e de que forma há uma difusão destes – no recorte temporal de 1950 à 1980 –, colocando como ponto inicial um estudo sobre os movimentos sociais e a luta por direitos civis nos Estados Unidos, assim como as políticas de bem estar social com as suas respectivas repercussões. Em um segundo momento serão analisadas as oposições políticas ao governo de Jimmy Carter, investigando como os ganhos dos movimentos sociais e uma nova concepção de política externa – apresentada pelo governo de Carter – teriam repercutido na sociedade ao ponto de gerar uma onda de discursos neoconservadores¹ e reacionários, que, por fim, resultaram na ascensão de uma plataforma política de bases cristãs, pautada no conservadorismo e de política externa beligerante².

O recorte temporal que privilegia os anos de contracultura e dos movimentos sociais por direitos civis explica-se pelo fato de que estes representariam um importante marco para a ascensão de discursos neoconservadores e reacionários. Até a segunda metade do século XX grande parte da população norte americana se enquadrava em uma lógica conservadora oriunda das morais estabelecidas por suas religiões e, principalmente, pela sociedade capitalista que vivia seus anos de bem estar social³. As

¹ NETO, Roberto Moll. **Reganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)**. 2010. Tese (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010

² SILVA, Rodrigo Candido da. **AS GUERRAS DE REAGAN: ascensão do conservadorismo e os desdobramentos da política externa dos EUA na Era Reagan**.

³ MITCHELL, Bárbara Maia de Albuquerque. **O liberalismo moderno nos Estados Unidos: discussões acerca sua pluralidade entre os séculos XIX e XX**. Rev. Hist. UEG - Porangatu, v.5, n.2, p. 282-306, ago./dez. 2016.

igrejas até então possuíam um forte papel onipresente na sociedade de ditar as condutas de seus seguidores, estabelecendo paradigmas e corroborando com a construção de uma estrutura de poder tradicionalista⁴. Tudo isso com um amplo apoio da classe média, que teria uma grande preocupação em manter seus privilégios. Com a mudança desse cenário nas décadas de 1960 e 1970, somado às tensões da Guerra Fria, conservadores e reacionários se engajariam na mobilização de um “arsenal discursivo” – pelas palavras de Albert Hirschman – contra as lutas por direitos civis e as políticas de Jimmy Carter como forma de preservar e proteger a “ordem social”. Tal fenômeno não se limitaria apenas a este recorte histórico uma vez que os grupos supramencionados, em suas mais variadas matrizes, seriam protagonistas de uma série de eventos dramáticos ao longo da história mundial.

A sociedade que viveu os anos 60 e 70 presenciou uma forte mudança nos paradigmas sociais. Os impactos das guerras de libertação colonial e da revolução sexual foram perceptíveis na sociedade, desencadeando e disseminando novas ideias que buscavam desafiar o tradicionalismo e as estruturas que regiam o meio social⁵ – a chamada contracultura. Nesse sentido, o governo de Jimmy Carter apresenta uma nova concepção de política externa, aproximando-se dos Direitos Humanos e de um aparato diplomático que buscava diminuir o tom beligerante da Guerra Fria. As diretrizes que o próprio democrata consideraria como a “alma de sua política externa”, entretanto, enfrentaram uma forte resistência no Congresso e não conseguiriam firmar as bases de seu governo⁶. O fato da proposição de tais políticas serem menos agressivas soava para a população norte americana e para o congresso como uma demonstração de fraqueza, o que seria inaceitável diante do contexto internacional.

Nesse cenário, de intensificação de movimentos reacionários e neoconservadores, ganham formas discursos políticos pautado nos anseios destas classes, que se viam perdendo espaço e privilégios, temiam perder um “status” internacional e se inquietavam com o rompimento do tradicional – o cômodo que era conhecido. A conjuntura torna-se ideal para uma campanha política que assumisse o

⁴ HIRSCHMAN, Albert. **A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª edição, 2019.

⁵ HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

⁶ NETO, Waldemar Dalenogare. **A Política Externa de Direitos Humanos de Jimmy Carter**. 2015. Tese (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em História da PUCRS. Florianópolis, 2015.

tom supracitado e Reagan é o detentor desta. Uma figura pública que reunia em suas plataformas políticas todas as insatisfações e aflições dos reacionários e conservadores, que parecia ser a “salvação” para aquela ordem social⁷. Ademais, ressaltasse a popularidade de Reagan no imaginário popular, o famoso cowboy dos filmes hollywoodianos, o herói dos faroestes que instituía a ordem e lutava contra os bandidos charlatões que atentavam contra a ordem.

Para uma melhor compreensão dos discursos políticos deste período e como estes moldariam a opinião popular, começarei a destrinchar os conceitos de reacionarismo e conservadorismo já nesta breve introdução, explicitando as diferenças e aproximações.

Os reacionários não são conservadores. É a primeira coisa que deve-se entender a seu respeito. À sua maneira, são tão radicais quanto os revolucionários e não menos firmemente presos nas garras da imaginação histórica. As expectativas milenaristas de uma nova ordem social redentora e de seres humanos rejuvenescidos inspiram os revolucionários; os reacionários são obcecados pelo medo apocalíptico de entrar numa nova era de escuridão⁸.

Notemos que o trecho de Mark Lilla apresenta a imagem do reacionário como tão radical e moderna quanto a dos revolucionários, entretanto este estaria angustiado e acorrentado à uma nostálgica e romantizada representação do passado, temendo as projeções para o futuro e possíveis catástrofes que uma nova configuração política traria. O perfil supramencionado do reacionário diverge do pensamento conservador, que não necessariamente abstém-se de uma fala progressista, assim como não está preso à amarras do passado, não valendo-se de fantasias sobre o mesmo.⁹ Devemos acrescentar que o conservador compartilharia de certa forma o receio dos reacionário do futuro e, apesar de não estar estagnado, agiria de forma cautelosa evitando se aventurar sem garantias. O fato é que apesar de diferentes, ambos os grupos estariam dialogando na sociedade, o que inclui um arsenal discursivo semelhante e apoio mútuo em determinadas conjunturas.

⁷ NETO, Roberto Moll. **Reganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)**. 2010. Tese (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

⁸ LILLA, Mark. *A mente naufragada: sobre o espírito reacionário*. 1º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

⁹ HIRSCHMAN, Albert. **A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2º edição, 2019.

Nesse sentido, o debate supramencionado percorrerá as duas partes deste trabalho em etapas diferentes do processo de transformação social e política dos Estados Unidos na segunda metade do século XX. Na primeira parte, intitulada de “Contracultura, Movimentos Sociais e a ‘Ameaça Social’” será traçada a trajetória social norte americana a partir do pós-guerra com os anos de bem estar social e como estes auxiliaram no processo de intelectualizar a juventude, abrindo espaço para uma série de demandas e movimentos sociais. Ainda na primeira parte, serão apresentadas as mudanças paradigmáticas da sociedade de bem estar social e as influências midiáticas na formação de uma cultura juvenil contestadora, assim como as reações dos setores conservadores a estas. Ademais, embrenharemo-nos na década de 1970 para compreender os efeitos políticos e sociais da crise econômica na formação de setores saudosistas da sociedade – que virão a tornar-se os reacionários.

Se a primeira parte apresenta-se em uma perspectiva com o olhar voltado à sociedade e ao cenário político-social que a molda, a segunda mostra-se como uma linha do tempo política, com todo um processo de transformações conjecturais repartida em dois tópicos. O primeiro tópico tem como foco as políticas internas e externas dos presidentes que estiveram na administração no recorte temporal supramencionado, atentando-se aos legados deixados e cenários que cada governo teve de lidar. Neste momento do trabalho de conclusão perpasso brevemente por cada um destes chefes de Estado, mas tenho como foco as políticas de Jimmy Carter e as reações à estas.

Por fim, o segundo tópico da segunda parte do trabalho trará uma análise direcionada das pesquisas republicanas para alavancar a popularidade e campanha eleitoral de Ronald Reagan diante da repercussão negativa que o partido carregaria com o fim das gestões de Nixon e Ford. Ademais, será apresentado um panorama geral do contexto das eleições presidenciais de 1980 com alguns dados estatísticos que mostrarão a face dos eleitores de Ronald Reagan e à quem a campanha seria direcionada. Com isso, findarei minha análise acerca do processo da guinada conservadora e reacionária no cenário norte americano da segunda metade do século XX.

I. PARTE I: Contracultura, Movimentos Sociais e a “Ameaça Social”

Os anos que sucederam o fim da Segunda Guerra Mundial são compreendidos, em aspectos gerais, como bastante peculiares em meio aos estudiosos. Retóricas apocalípticas, anos dourados do capitalismo, possíveis batalhas nucleares, guerras de libertação colonial e revolução sexual seriam apenas alguns dos eventos que ocorreriam na segunda metade do século XX e trariam consigo profundos impactos no imaginário popular do período. As repercussões foram vistas na mídia, na cultura, na política e em vários outros aspectos da vida privada ou coletiva dos indivíduos que viveram no recorte temporal supramencionado, reorganizando as perspectivas do porvir e despertando reações à estas movimentações.

A especificidade do momento em questões de discurso político a partir de 1950 apresenta-se por meio da retórica beligerante dos governos, em especial dos Estados Unidos, e as repartições do mundo em zonas de influência ou redes de apoio. O entusiasmo com o militarismo assim como a retórica supracitada refletiria intensamente na visão que a população teria acerca do comportamento internacional dos Estados Unidos da América, que, de forma contraditória ao seu discurso, se preservaria cauteloso e prudente, de forma a evitar um embate direto. Nesse cenário de imponência e exaltação do poder norte americano e de seus ideais, utilizando a imprensa como fonte histórica, ou até mesmo percebendo as falas disseminadas no senso comum norte americano, as reações à tais discursos se repartiriam. De um lado, os que acreditavam que as ações militares e as demais tentativas de demonstrar uma inquestionável supremacia dos Estados Unidos em panorama global eram uma forma de consertar o mundo contra a iminente ameaça comunista e todo o seu estigma do mal. E, em contrapartida, o lado mais sensível à questões sociais ou que haviam visto os horrores da guerra – seja por veículos de imprensa, histórias familiares ou vivência – e acreditavam em soluções pacíficas e longe dos temores apocalípticos de um possível fim.

A juventude que viveu os eventos dramáticos e discursos apocalípticos mencionados acima foi a protagonista das principais mobilizações sociais pacifistas deste momento, rebelando-se contra as políticas beligerantes e excessos do governo norte americano nos

conflitos do terceiro mundo¹⁰, assim como contra a repressão em âmbito nacional. Nesse cenário alguns veículos midiáticos, aproximados da cultura juvenil, tornam-se fundamentais ao retratar eventos como a guerra do Vietnã e inserir as massas norte americanas nos horrores e atrocidades promovidos pelos combatentes estadunidenses a mando do governo, de forma a sensibilizar e levar o front da guerra para as casas de milhares de pessoas.

Ao realizarmos um balanço acerca da gloriosa década de 1950 nos Estados Unidos em uma perspectiva econômica, percebe-se uma continuidade da guinada dos anos de guerra que foram bastante gentis com o país – não veio a sofrer perdas ou danos e aumentaria o seu desempenho industrial de forma significativa¹¹. O confortável cenário supracitado, junto com o retorno dos ex-combatentes de guerra, torna-se favorável para o chamado “Baby Boom”¹² no país, o que contribuiria para a composição e formação da juventude das décadas seguintes. Entretanto, não seria necessário aguardar pela geração baby boom para termos uma mudança efetiva nos paradigmas sociais uma vez que os anos dourados do capitalismo afetariam estruturalmente a lógica da sociedade norte americana desde as classes operárias até as mais elevadas da população. Nesse sentido, destaca-se a ampla inserção e alteração de papel desempenhado pelas mulheres no mercado de trabalho – alterando de certa forma a lógica da organização familiar –, assim como a expansão superior que servirá como pano de fundo para uma série de mobilizações de jovens que começará a ter maior destaque no início da década de 1960, ressalta-se desde já que as duas exemplificações acima auxiliariam na renascença de pautas de gênero na sociedade e de outros questionamentos.

A órbita dos anos dourados do capitalismo e a sua infinidade de oportunidades afetaria de forma direta o poder aquisitivo da população norte americana, atribuindo à juventude uma relativa independência, assim como um amplo poder de consumo¹³. Nesse sentido, a expansão do ensino superior e de jovens recém formados ingressando no mercado de trabalho atribui um determinado peso social a medida que poderiam ser indivíduos livres, pensantes, críticos, independentes e com uma cultura própria. A cultura juvenil pouco a pouco foi realizando a façanha de criar um conflito entre

¹⁰ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

¹¹ Ibidem

¹² JONES, Landon Y. **Great expectations: America and the baby boom generation**. New York, 1980.

¹³ PAMPLONA, Marco A. **Revendo o Sonho Americano: 1890 – 1972**. São Paulo: Editora Atual, 1995.

gerações, apresentando os primeiros indícios de uma crise no núcleo familiar tradicionalista, agrupado ainda às questões supramencionadas acerca da mudança do papel feminino e a inserção destas no mercado de trabalho.

Atentando-se ao desenvolvimento da cultura juvenil e do jovem como um ser social independente a indústria cultural norte americana começa a lucrar com essas ideias, além de massificar e transformá-las em um estilo. A ascensão do rock originado nos guetos e derivado da música afro-americana, posteriormente popularizado e embranquecido por figuras como Elvis Presley, seria uma das maiores apostas da indústria cultural juvenil, buscando criar novos símbolos a partir dessa expressão subversiva que encarará forte oposição das parcelas mais conservadoras da sociedade. Tais símbolos permitiriam que uma nova identidade social surgisse, predominantemente entre a classe média, de forma que pudessem extravasar a sua insatisfação com os paradigmas e estrutura daquela sociedade¹⁴. A revolta e sensualidade nas apresentações e nas letras encaixavam-se perfeitamente no que a juventude almejava: liberdade para amar, para expressar-se e subverter os valores. Aqui insere-se Elvis Presley, que não seria o primeiro garoto branco dos clássicos rockers a atingir o ápice inventivo, entretanto teria o privilégio de ter os veículos de difusão de massas ao seu lado, o que o tornariam o Rei do Rock and Roll. O antagonismo da parcela conservadora da sociedade norte-americana ao movimento que a indústria cultural buscava impulsionar perdurou ao longo das décadas posteriores, de forma que até a popular figura de Elvis Presley viria a sofrer represálias pela subversão e enfrentamento aos valores daquela estrutura social.

A emergência de adolescentes e pré-adolescentes com consciência própria e adeptos dos ideais subversivos apresentou-se como uma forma de rejeitar determinados rótulos sociais ou silenciamentos, em especial o status de criança imatura e que não compreendia o mundo adulto. Ao longo das décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980 existem grandes transformações e um reabastecimento dessa juventude, de forma que naturalmente os jovens de 1950 chegariam à 1980 com 30 anos a mais, exceto pelos que viriam a falecer de forma prematura.

¹⁴ FRIEDLANDER, Paul. “As raízes do rock and roll: pé na estrada”, “Os roqueiros clássicos – A segunda geração: hoje é dia de rock (item Elvis Presley)” e “É apenas rock and roll, mas eu gosto”. In: **Rock and Roll: Uma história social**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

“A nova autonomia da juventude como uma camada social separada foi simbolizada por um fenômeno que, nessa escala, provavelmente não teve paralelo desde a era romântica do início do século XIX: o herói cuja vida e juventude acabam juntas. Essa figura antecipada na década de 1950 pelo astro de cinema James Dean foi comum, talvez mesmo um ideal típico, no que se tornou a expressão cultural característica da juventude – o rock. Buddy Holly, Jennis Joplin, Brian Jones, membro do Rolling Stones, Bob Marley, Jimi Hendrix e várias outras divindades populares caíram vítimas de um estilo de vida fadado à morte precoce. O que tornava simbólicas essas mortes era que a juventude por eles representada era transitória por definição.¹⁵”

O slogan “sexo, drogas e rock’n’roll” de meados da década de 1960 relaciona-se de forma tênue com a questão acima. A órbita de sexualidade, a explosão do rock em meio à juventude e o alto índice de consumo de drogas apresentaram-se como uma das formas de liberação pessoal. Fazia parte da identidade dessa nova cultura juvenil de rebelião contra os padrões e estigmas, estando diretamente ligado à militância apesar dos atrativos naturais das drogas.

Nesse contexto, nascem diversos movimentos sociais e a chamada Revolução Sexual¹⁶ que iria refutar integralmente as lógicas conservadoras com um atributo que almejava a aceitação do sexo fora de relações monogâmicas, heterossexuais e com um enfoque apenas na reprodução. Adiante, com a difusão dos métodos contraceptivos – um dos principais marcos da década de 1960 – ficou ainda mais salientada essa outra face das relações sexuais que iria de encontro aos prazeres e satisfação do indivíduo¹⁷. É necessário salientar que os moldes tradicionalistas de família com papéis pré-definidos já estariam se esgotando, como supramencionado a ampla inserção de mulheres no mercado de trabalho e a juventude como agente social já teria mobilizado conflitos geracionais dentro dos núcleos familiares, mas agora, com a mudança nos padrões de conduta sexual e a maior liberalização do sexo a crise estaria finalmente consolidada. As informações e controle de natalidade tornaram-se cada vez mais acessíveis a partir de 1960, sendo legalizadas posteriormente na década de 1970 chegando a tornar o aborto uma pauta.

¹⁵ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012, pg. 318.

¹⁶ A Revolução Sexual, ocorrida na década de 60, foi a difusão da filosofia de livre expressão da sexualidade do ser humano, que segundo o sociólogo Herbert Marcuse – autor de um dos livros precursores da Revolução Sexual –, seria um tabu gerado na sociedade devido a sua formação cristã.

¹⁷ Ibidem

A revolução sexual não beneficiaria apenas o controle de natalidade e a liberalização do sexo entre casais heterossexuais, agora, com a desestigmatização das relações sexuais e os atributos de prazeres, haveria uma abertura para melhor dialogar com lésbicas, homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e pessoas não binárias. A cidade de Nova York, nesse momento, possuía uma das maiores populações não heterossexuais e não cisgêneras¹⁸ do período e foi exatamente ali, no coração financeiro dos Estados Unidos da América, o local onde ocorreria uma das maiores e mais marcantes ondas de revoltas do mundo envolvendo o grupo em questão¹⁹. As resistências conhecidas como Revoltas de Stonewall foram fortemente influenciadas pela contracultura que marcou a década de 60, assim como a revolução sexual. O episódio ocorreu no Bar Stonewall – localizado em Manhattan – conhecido como um dos poucos locais onde pessoas abertamente não heterossexuais e não cisgêneras eram recebidas e poderiam demonstrar afetividade abertamente. Havia batidas policiais recorrentes no bar, que na maior parte das vezes terminavam com prisões e agressões. No dia 28 de junho de 1969, algo diferente e inesperado viria a ocorrer: os frequentadores do bar articularam uma resistência contra as represálias da polícia local, a qual perde o controle da situação e acaba encurralada por uma multidão pertencente ao grupo social em questão e seus simpatizantes ou apoiadores. Após este evento, a tropa de choque norte-americana é convocada e enviada a Manhattan, o que desencadeia uma série de confrontos violentos que duram cerca de 6 dias com os grupos civis muito bem articulados. A rebelião ficou marcada como uma reviravolta do movimento libertário de pessoas não heterossexuais e não cisgêneros perante o Estado norte americano que mantinha uma política problemática e estigmatizada dessa parcela populacional reprimindo-a.

Como demonstrado, a órbita apresentada torna-se uma atenuadora das perspectivas sociais para o futuro que grande parte da nova geração almejava, dando o start para uma série de pautas sociais em diversas frentes, desde as pautas de gênero e sexualidade até as raciais. Os militantes emergentes nos anos 60 autodenominavam sua militância como “movimentos de libertação”, as diversas frentes que, apesar de demandarem pautas

¹⁸ Nos anos 60 o termo LGBTIs ainda não existia, portanto, para narrar o episódio será utilizado a nomenclatura “não heterossexuais” ou “não cisgêneros” a fim de reunir em uma abreviação gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, pessoas não binárias e os demais membros da comunidade.

¹⁹ DUBERMAN, Martin. 1993. **Stonewall**. New York: Martin’s Press, 1993.

muito distintas, viram como necessária a união em um primeiro momento a fim de alcançar uma maior visibilidade. Os principais espaços de difusão da militância libertária e desses novos paradigmas que rompiam com as estruturas opressoras da sociedade seriam os espaços acadêmicos e a indústria cultural, o que refletiria em muito no perfil social de grande parte dessa militância – branca, intelectualizada e de classes elevadas da sociedade.

Nesse sentido, de forma inédita a juventude apontaria que seria capaz de ser a protagonista do novo cenário político-social, transformando os valores da sociedade e batendo de frente com a estrutura política conservadora e beligerante vigente até então. Com a luta estudantil, a revolução sexual, o rock, as drogas, as ideias de libertação e principalmente as mudanças dos paradigmas sociais, o sociólogo francês Edgar Morin define esse momento como o “êxtase da História”, no qual duas instituições estariam em crise: a família – já muito mencionada – e a igreja. O enfraquecimento da segunda pode ser explicado como uma resposta dessa juventude à autoridade moral e à capacidade da igreja de ditar as regras do jogo social e de suas vidas privadas.

Pensando agora a situação da população “não branca” nos Estados Unidos nesse primeiro momento da segunda metade do século XX, percebe-se que o boom econômico não atingiu a todos de forma semelhante. De acordo com alguns dados e amostragens do Bureau of Labor Statistics analisados pelo historiador Marco Pamplona a pobreza e a abundância econômica conviveram lado a lado ao longo dos “anos de ouro”, de forma que a pobreza concentrasse-se na população negra, indígena e de imigrantes. Para além da característica supramencionada há ainda uma segunda condição que chama atenção: a pobreza sendo predominantemente feminina²⁰.

A partir do cenário apresentado da população “não branca” chama-se atenção para o crescente movimento pelos direitos civis da população negra que para além da problemática econômica teriam que conviver constantemente subjugada ao terrorismo racial e segregacionismo. Após uma série de eventos traumáticos e desumanos contra a população afro-americana o governo federal foi obrigado a tomar as rédeas da situação coibindo as ações de grupos como a Ku Klux Klan e protegendo os direitos básicos dos negros. No entanto, os esforços do governo não pareceriam suficientemente efetivos para que houvessem avanços em perspectivas de igualdade racial ou equiparação de

²⁰ PAMPLONA, Marco A. **Reverendo o Sonho Americano: 1890 – 1972**. São Paulo: Editora Atual, 1995.

direitos civis, dando uma brecha para que uma série de organizações não governamentais, assim como comitês, grupos ou figuras públicas tomassem as iniciativas nessa luta por direitos civis, firmando-se como vanguardas importantes.

Dentre essa crescente militância haviam divergências e pluralidade de ideais assim como qualquer movimento, tendo frentes moderadas, cautelosas e pacíficas, e, frentes mais radicais que rejeitariam qualquer proposta de integração racial, não acreditando em vias não-violentas uma vez que era perceptível que não houve um avanço tão grande²¹. Nesse sentido, destacam-se dois líderes: o pastor Martin Luter King Jr. que viria a manifestar-se por via do diálogo, pregando sua militância de forma pacífica, e, Malcom X um dos maiores líderes do movimento negro radical, que duvidaria das vias não-violentas apresentando-se como um revolucionário que revidaria qualquer tipo de agressão à si próprio ou à outros(as) negros(as), “dando o troco”. É importante ressaltar que em um primeiro momento os militantes buscavam não anular a militância um do outro, de forma que muitas das figuras públicas credoras do movimento negro radical não se posicionariam contrárias às falas de Martin Luter King, por exemplo, apenas teriam ressaltas com relação às vias para atingir tais ideias de equiparação de direitos, entretanto, devido à questão da integração racial entre brancos e negros dentro do movimento e de determinadas políticas vistas como paternalistas começaram a aparecer houve um rompimento, de forma que os radicais começaram a assumir uma identidade própria para o seu movimento junto com o surgimento da expressão “Black Power” – poder negro.

Diante desse cenário de crescente indignação da população negra e de intensificação dos discursos radicais raciais, percebe-se que os anos 1960 ficariam marcados por uma grande escala de violência e conflitos raciais nos Estados Unidos, com grandes reações e tentativas de silenciamento por parte das autoridades locais. Agrega-se ainda a esse recorte temporal uma série de conquistas à base do sangue desses militantes, como por exemplo a Lei dos Direitos Civis de 1965 que asseguraria que pessoas negras votariam com a proteção do Estado, ou a iniciativa das “affirmative action” – ações afirmativas – que buscava compensar a população afro-americana pelas problemáticas históricas criando um sistema de cotas raciais nas universidades e em empregos públicos. Ressalta-se também a instauração de uma Comissão Especial para Desordens Civis em

²¹ Ibidem

1968 que viria a emitir o primeiro relatório sobre a situação dos negros no país, pensando também nas desigualdades e abismo econômico²².

A efervescência dos movimentos negros, assim como os demais movimentos supramencionados, teve uma maior profundidade e popularidade entre as camadas jovens do grupo, refletindo no comportamento e identidade dessa juventude. O movimento que viria a ocorrer em meados da década de 1960 era da classe média indo para os subúrbios em busca de um padrão de vida de qualidade enquanto a população pobre de trabalhadores aglomerava-se nos grandes centros urbanos. Esse movimento teria uma parcela de influência na identidade dessa juventude negra dos guetos norte americanos com a criação de uma cultura urbana majoritariamente negra.

Os jovens que tornariam-se adultos ao longo da segunda metade do século XX nos Estados Unidos querendo ou não viriam a ter algum tipo de influência da indústria cultural, tornando-se novas gerações, inicialmente de jovens, socializados como autoconscientes e posteriormente adultos com memórias vívidas dessas experiências da cultura juvenil²³ e do encontro desta com as expressões intelectuais daquele momento. Nesse sentido, o ponto que busca-se compreender é: de que forma essa geração de indivíduos que viveu todos esses processos sociais e históricos permitiu que a nova direita ideológica chegasse ao poder na década de 1980?

Para responder a indagação anterior é necessário que retomemos inicialmente à década de 1970 e a deterioração da “era de ouro” nos Estados Unidos, quando uma preocupante crise econômica desabrocha no mundo capitalista. O fato de ocorrerem associações diretas e caóticas entre as palavras “crise” e “depressão” com o cenário da década de 1930 cria uma cautela entre os governantes para tratar acerca desse assunto delicado com a população, levando-os a crer que seria apenas uma pequena recessão e nada muito sério, apesar da realidade ser distinta²⁴. Nesse sentido, muitas das preocupações e problemáticas sociais começam a ressurgir e refletir no cotidiano da população norte americana. Desemprego, pobreza e instabilidade econômica seriam apenas alguns dos contratemplos que a sociedade que viveu os anos de bem estar social iria enfrentar nesse momento. A geração supramencionada que estaria habituada com o

²² Ibidem

²³ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

²⁴ Ibidem

pleno emprego e todos os demais benefícios da era de ouro certamente não estaria nada confortável com a situação e possivelmente bastante descontente. Nesse sentido a órbita de problemáticas político-econômicas mistura-se com o clima agitado das manifestações por direitos civis e determinadas mudanças na forma de se fazer política de alguns governantes menos belicistas, levando à ascensão da nova direita ideóloga que creditava o fim dos anos de ouro do capitalismo às mudanças paradigmáticas dos anos 60 e 70²⁵.

A segunda via que nos leva à solução da questão supramencionada teria origem no espírito reacionário, que via as mudanças paradigmáticas ocorridas neste momento da história como um caminho sem volta para uma calamidade pública, de forma que as transformações na forma de se encarar os direitos civis e dar voz às parcelas oprimidas da sociedade soassem como uma verdadeira ameaça à ordem social vigente. O engajamento político destes percorreria toda a segunda metade do século XX, quase como uma reação imediata ao surgimento de demandas populares, e, não se limitaria apenas à uma simples oposição, estes mergulhariam em um arsenal discursivo receoso, perverso e intransigente. A narrativa reacionária é, nesse sentido, uma idealizadora dos Estados Unidos bem-afortunado e ordenado no qual todos os indivíduos sabiam seus devidos lugares sociais e viviam em harmonia, sem questionamentos, e, sobretudo, subjugadas às tradições e religião, portanto, as ideias intelectualizadas e libertárias seriam vistas como descartáveis, instáveis e caóticas, o prenúncio da obscuridade.

“Toda grande transformação social deixa para trás o frescor de um Éden que pode servir de objeto para a nostalgia de alguém. E, os reacionários da nossa época descobriram que a nostalgia pode ser uma forte motivação política, talvez mais poderosa até que a esperança. As esperanças podem ser desiludidas. A nostalgia é irrefutável.”²⁶

Os ares saudosos da elite norte americana começam a ganhar cada vez maior proporção em conjunto com o desmantelamento da era de ouro, de forma que ambas as vias supramencionadas se entrelaçam e dialogam entre si. O discurso reacionário não ganharia vez sem um “Éden”, que neste caso seria os anos dourados do capitalismo muito retomados nos anos seguintes, inclusive em um dos mais famosos slogans de campanhas presidenciais das Américas “let’s make America great again”. O efeito

²⁵ PAMPLONA, Marco A. **Reverendo o Sonho Americano: 1890 – 1972**. São Paulo: Editora Atual, 1995.

²⁶ LILLA, Mark. **A mente naufragada: sobre o espírito reacionário**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2018, pg 13.

nostálgico trazido pela crise econômica de meados dos anos 1970 impulsiona o sentimento de ameaça social no imaginário dos que acreditavam ainda poder proteger o modelo social e a supremacia norte americana do pós-guerra, fazendo com que reacionários e conservadores aliem-se.

II. PARTE II: Correlações entre as esferas políticas domésticas e das relações internacionais nos Estados Unidos da segunda metade do século XX

A Trajetória de Kennedy à Carter

A profundidade da ferida deixada na política norte americana ao longo da segunda metade do século XX não pode ser compreendida se não analisada em conjunto as políticas internas e externas, ambas compõem os governos e apresentam impactos, sendo interdependentes. Nesse sentido, antes de adentrarmos ao governo de Jimmy Carter é necessário pensar e rever as mudanças político-administrativas ocorridas nos governos de John Kennedy e Lyndon Johnson ao longo da turbulenta e movimentada década de 1960, assim como os posicionamentos de Richard Nixon e Gerald Ford nos anos que antecederam a eleição de Carter para que além de um panorama da sociedade norte-americana da segunda metade do século XX haja uma compreensão dos bastidores políticos, ações governamentais e posicionamentos de Estado com as suas respectivas repercussões.

Como apresentado no capítulo anterior, as décadas de 1960 e 1970 apresentam-se como contestadoras e críticas, tendo um grande quantitativo de jovens flertando com os ideais libertários e radicalismos políticos nas mais diversas frentes, o que criou uma demanda de habilidade política para lidar com a situação por parte dos governantes, e, sobretudo, a necessidade de sagacidade para conquistar a juventude da época. Em meados da década de 1960 o governo de Kennedy seria eleito com base em suas promessas eleitorais de maior presença do Estado em questões relacionadas ao bem-estar social. Com uma campanha presidencial pautada no ousado programa social nomeado de “A Nova Fronteira” o jovem Kennedy impressionaria os eleitores ao falar sobre justiça social e ampliação de direitos civis para a população norte americana. O tom moderno, liberal e progressista da política interna de John Kennedy em muito incomodaria os conservadores que brevemente se manifestaram tanto na cena política

quando em meio à sociedade, ocasionando em forte pressão no congresso norte americano onde os interesses conservadores predominavam²⁷. Para além disso, o presidente em questão seria visto por determinados veículos midiáticos e setores da sociedade como incoerente em suas ações no exterior, uma vez que o tom social e progressista se limitaria às fronteiras nacionais de seu país. Os episódios em solo vietnamita e cubano colocariam certa parte de seu jovem eleitorado decepcionada com o belicismo na política externa.

Em seguida, com o assassinato de John Kennedy, o habilidoso político sulista Lyndon Johnson tomaria a frente do país. Johnson seria conhecido por sua grande aptidão em negociar e articular nos bastidores políticos, além de uma forte presença no congresso norte americano fruto de uma longa carreira política iniciada cerca de 30 anos antes. Os Democratas, que o haviam nomeado como segunda opção nas eleições de 1960, perceberam que se quisessem manter a popularidade e simpatia advinda da morte de Kennedy deveriam permitir que Johnson desse continuidade nas pautas sociais anteriores, o que contribuiria para uma herança conjunta de ambas as administrações. O fato supramencionado em conjunto com as habilidades políticas do presidente Lyndon Johnson manteve o programa de bem-estar social “Nova Fronteira” e desenvolveu um novo projeto intitulado “Grande Sociedade” com o objetivo de reduzir os abismos econômicos, a pobreza e as desigualdades raciais, atingindo popularidade significativa dentre alguns grupos sociais e sendo taxado de paternalista por outros. Em questões de política externa o presidente Johnson herdaria alguns conflitos das gestões anteriores e seria visto negativamente por alguns de seus feitos, um dos exemplos seria a persistência na Guerra do Vietnã e belicismo em tempos de Guerra Fria. Entretanto, o mesmo também seria um dos principais responsáveis pela mudança nas leis de imigração em 1965, quando mantém-se como limitado o número de imigrantes e determinadas restrições geográficas mas ao mesmo tempo permite que estes entrem de forma mais igualitária²⁸.

Em 1969 temos Richard Nixon sendo nomeado pelo partido republicano e vencendo as eleições presidenciais após uma longa carreira política que incluiu o cargo de vice-presidente dos Estados Unidos no governo Eisenhower. Nixon já teria concorrido à presidência anteriormente nas eleições de 1960 pelos republicanos, mas não obteve

²⁷ PAMPLONA, Marco A. **Reverendo o Sonho Americano: 1890 – 1972**. São Paulo: Editora Atual, 1995.

²⁸ Ibidem

êxito e perdeu o cargo para John Kennedy naquele cenário político. Em panorama geral governo de Nixon é visto como um dos mais polêmicos dos Estados Unidos devido ao caso de espionagem Watergate que seria responsável pela primeira e única renúncia à presidência norte americana, apesar disso, é necessário mencionarmos que o presidente em questão foi bastante habilidoso ao contornar os índices de inflação e a crise econômica que atingiria o país no início da década de 1970, além de conseguir retirar definitivamente os Estados Unidos da Guerra do Vietnã e ter outras conquistas no campo diplomático, como a reaproximação com a China ou as negociações acerca da redução de arsenal militar com a União Soviética. A questão é que Richard Nixon não pôde usufruir dos momentos políticos e econômicos de seus antecessores, assumindo o governo em um período caótico para os Estados Unidos em que a “era de ouro” estaria se deteriorando e o saudosismo com o passado econômico crescendo. A herança recebida por seu governo era de uma nação desmoralizada internacionalmente e repartida entre si. A retirada de tropas após uma década no Vietnã demonstrava um isolamento e enfraquecimento das políticas beligerantes norte americanas para alguns setores²⁹. A órbita de aparente desordem na Casa Branca ecoa como um trauma no imaginário das parcelas mais conservadoras da sociedade norte americana, como se os Estados Unidos estivessem perdendo a sua inquestionável supremacia e imponência no cenário internacional ao longo do governo Nixon. Os feitos de Nixon acabaram ficando à sombra dos escândalos políticos e política externa³⁰.

O próximo nome na linha de presidentes dos Estados Unidos é o de Gerald Ford, anteriormente vice presidente do país que assume o poder em meio ao caos da renúncia de Nixon. Como supramencionado e melhor explicado no primeiro capítulo deste trabalho, a década de 1970 apresenta-se como problemática economicamente para os Estados Unidos caindo em uma das maiores recessões econômicas da história desde a crise de 1929. Nesse sentido, o tumulto político e crescente oposição em ascensão nesse momento viriam a dificultar de forma significativa o governo de Gerald Ford, que por muitos historiadores chega a ser considerado como insignificante. Neste trabalho, a partir da linha do tempo de presidentes traçada da década de 1960 em diante, tenderia a mostrar o contrário. Os anos que Gerald Ford esteve no poder, assim como o período

²⁹ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012

³⁰ LYTLE, Mark. **America's Uncivil Wars: The Sixties Era from Elvis to the Fall of Richard Nixon**. New York: Oxford University Press, 2006.

em que todos os outros presidentes mencionados anteriormente, faz parte de um processo de transformações político-sociais com causas e consequências, ações e reações que culminaram na ascensão de um espírito reacionário e conservador na sociedade norte americana, e, tais eventos seriam os responsáveis pela guinada neoconservadora e reacionária ocorrida na década de 1980.

Adentrando agora o governo do democrata Jimmy Carter, deve-se considerar que um dos principais feitos de sua administração seria a reordenação do eixo condutor do aparato diplomático norte americano, priorizando os direitos humanos e abandonando totalmente as bases políticas deixadas por Henry Kissinger e utilizadas nos governos de Nixon e Ford. O próprio Jimmy Carter declararia em diversos discursos, incluindo o de posse, que “a alma da política externa são os direitos humanos”, atestando que sua administração se diferenciaria da de seus antecessores republicanos. Evidentemente, o presidente em questão especulava que agradaria boa parte de seus eleitores com essa alteração política, porém, de forma simultânea, compraria uma série de brigas com o congresso e não conseguiria fixar suas bases de governo para a posteridade³¹.

O partido democrata já imaginava os obstáculos que aguardavam Jimmy Carter no contexto presidencial, entretanto, a partir de pesquisas de opinião pública realizadas por Patrick Caddell³², perceberam que a grande massa dos eleitores norte americanos enxergariam com bons olhos um presidente que buscasse superar a desmoralização deixada pelos seus antecessores republicanos, mesmo que isso significasse defender uma mudança de eixo da política externa. Nesse sentido, percebeu-se que apesar de uma herança desprestigiada deixada pelos republicanos ainda havia algo em específico que devesse se reconhecer: o período de relativa paz entre EUA e URSS. O aproveitamento dessa perspectiva em conjunto com a política de Direitos Humanos seria então a chave para a sua campanha presidencial e plano de governo, que buscava restaurar a imagem do país³³. O planejamento consistia em um resgate de valores e a promoção de uma liderança fiscalizadora, que minaria a imagem dos EUA perante a comunidade internacional e destoaria de seu adversário político.

³¹ NETO, Waldemar. **A Política Externa dos Direitos Humanos de Jimmy Carter**. Santa Catarina: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

³² Coordenador de pesquisas de opinião do partido na década de 1970.

³³ *Ibidem*

Dentre os estudos acerca das problemáticas que envolveram a política externa do governo Carter percebe-se que o democrata teria agido de forma ingênua por não ter abarcado uma proposta de negociações ou diálogo com o congresso em seus planos de governo, de forma que muitos dos problemas em admitir os trâmites internacionais fossem solucionados. Desde as campanhas presidenciais Carter teria mostrado-se comprometido em corresponder os clamores internacionais e, em especial, das Nações Unidas para cumprir a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) com maior fervor, entretanto a ausência de um ávido diálogo com o congresso impediria uma concretização de seus planos. O congresso entendia que a execução de forma integral da DUDH ameaçava a segurança e estabilidade nacional, assim como violaria partes da constituição norte americana³⁴, de forma que o presidente ficasse de mãos atadas em um cenário de adversidades políticas.

Para além da questão supramencionada, muitas das nomeações de Jimmy Carter acabaram desestabilizando o seu governo em âmbito interno já que o presidente priorizou nomes que tivessem maior afinidade com as suas propostas à qualificações ou formações acadêmicas. Existem alguns exemplos de convocações mais polêmicos que podem ser mencionados como a indicação de Stansfield Turner para comandar a Central Intelligence Agency (CIA) – cargo que nas administrações anteriores seria ocupado por políticos belicistas e anticomunistas. A agência que possuía plena autonomia, agora passaria a acatar determinadas diretrizes operacionais e seria obrigada a acabar com programas como o das operações de desestabilizações em outros países como Brasil, Guatemala, Nicaragua, Chile, etc. Turner também seria o responsável por já neste momento começar a realizar denúncias de abusos de poder das gestões anteriores, o que acabou por criar um grande rebuliço político. Também é válido mencionar que para a secretaria de defesa do Estado o nome de Harold Brown significaria um enorme contraste com os antecessores no cargo. A escolha de Carter era declaradamente adversa ao programa de vendas de armas e munições do exército do país e à autonomia que o exército teria até então de não relatar com exatidão os países contemplados com as vendas, assim como os valores e a forma como era dirigida a Escola das Américas no Panamá³⁵. Nesse sentido, as desavenças no cenário político começam a surgir e o

³⁴ SMITH, Gaddis. **Morality, Reason and Power. American Diplomacy in the Carter Years**. Atlanta: Hill & Wang, 1988.

³⁵ NETO, Waldemar. **A Política Externa dos Direitos Humanos de Jimmy Carter**. Santa Catarina: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

governo Carter acaba tornando-se um inconveniente para muitos que não compartilhariam de seu discurso de “paz sem vitória”³⁶.

Um dos documentos mais significativos do governo de Jimmy Carter e que colocaria em execução mecanismos para tentar estabelecer melhores resultados para as transformações por ele propostas foi a Diretiva Presidencial de número 30. Na declaração em questão direciona-se a prioridade e atenção de qualquer ato diplomático norte americano para a DUDH, alocando também uma série de recursos financeiros para os países que seguissem o exemplo dos Estados Unidos de Carter, de forma que houvessem relatórios trimestrais acerca das garantias e aplicações de direitos humanos em diversos países, mapeando os que teriam promovido avanços³⁷.

Robert Strong, um autor revisionista das perspectivas políticas sobre o governo Jimmy Carter, arrisca-se em dizer que o eixo de Direitos Humanos de sua política externa e de organização interna não havia sido bem compreendido pela sociedade civil, assim como critica a mídia por ter deturpado a forma como seriam transmitidas as ações de Carter. Segundo o autor, ainda deve-se pensar a questão do Departamento de Estado do presidente em questão, que, pelo fato de ser muito inexperiente, teria permitido a abertura de brechas para outras interpretações dos pronunciamentos, notas e anúncios políticos³⁸.

A órbita supramencionada de intervenções da mídia, barreiras no congresso, divergências de nomes e ausência de apoio da opinião pública faz com que o legado deixado por sua administração fosse pequeno, apesar de uma base de direitos humanos interessante que poderia ter sido melhor desenvolvida junto às ambições populares. As questões principais a serem pensadas a partir deste cenário são: por qual motivo havia uma resistência tão grande aos Direitos Humanos e à uma política externa menos belicista e de que forma o processo de formação de opinião da sociedade que cresceu e se constituiu nos Estados Unidos da segunda metade do século XX passou a problematizar e estigmatizar o governo Carter.

³⁶ CARTER, Jimmy. **Keeping Faith: Memoirs of a President**. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1995.

³⁷ Presidential Directive N 30. Carter Presidential Library. 17 de fevereiro de 1979.

³⁸ STRONG, Robert. **Working in the World: Jimmy Carter and the Making of American Foreign Policy**. Baton Rouge : Louisiana State University Press, 2000.

Para dar início às respostas das questões postas anteriormente é necessário que seja colocado que a base anticomunista da política externa norte americana já estaria enraizada na cena política, assim como já fazia parte da opinião pública repartida – de um lado a juventude libertária que vinha perdendo forças e de outro a parcela conservadora da sociedade que via a necessidade de colocar-se com imponência e supremacia perante o resto do mundo, ainda centrada na lógica da Guerra Fria. Nesse sentido, seria improvável que apenas em um único mandato presidencial se revertesse esse eixo da política externa, sendo necessário que houvesse todo um processo de reabilitação e transformações na política e imaginário popular.

Vale retornar ao aspecto das nomeações para os cargos na Casa Branca e as divergências destes com os interesses predominantes no congresso do período. As realizações feitas por muitos dos dirigentes nomeados por Jimmy Carter incomodaram e criaram rebuliços políticos, criando uma imagem de um governo não unificado e que não teria apoio das casas administrativas. Para além da questão, é necessário pensar que os cortes e substituições realizados por esses nomes influenciariam na opinião pública, assim como as ações que retiraram autonomia de diversos setores e criaram antipatias – em especial com os setores militares.

As questões supramencionadas obviamente também seriam retratadas pela mídia, abrindo espaço para críticas e interpretações de tais políticas. Como já dito anteriormente, a sociedade que viveu a segunda metade do século XX foi socializada e inserida em âmbitos políticos com forte presença dos aparatos midiáticos que tomam conta da opinião pública a partir de uma grande seleção de o que deve ir ao ar ou não, de que forma deve aparecer e a partir de qual linha editorial. A pluralidade de linhas editoriais também apresenta-se como algo imprescindível ao pensarmos as repartições da própria sociedade civil e a polarização de discursos políticos que acontecerá no fim do mandato de Jimmy Carter.

O fato é que o fim do mandato de Jimmy Carter também acabou enfrentando uma série de adversidades políticas que foram atribuídas a um afrouxamento de política externa e ao novo eixo político desta. Com a crise diplomática entre Estados Unidos e Irã no episódio que deixaria dezenas de reféns americanos sob ameaça por cerca de 3 meses e a invasão soviética no Afeganistão – que interromperia o período de paz relativa entre as potências –, o presidente Carter viu-se encurralado a abandonar suas

políticas de direitos humanos bilaterais e apelar à via multilateral através das Nações Unidas para ações vigorosas e extremas. Nesse sentido, assim como muitos dos presidentes aqui mencionados, o fim da administração de Jimmy Carter passaria a receber um estigma que iria acompanhá-lo em sua vida política, assim como marcaria o partido democrata, devido a eventos externos.

Ademais, é válido ressaltarmos que, apesar de gozarem de baixa popularidade no início do governo Carter, os republicanos voltariam pouco a pouco à cena política dos Estados Unidos e retomariam suas posições. Em 1978, o governo democrata de Carter já viria a ter perdas significativas com a ascensão de uma maioria republicana no senado, a qual ampliaria a oposição e pioraria ainda mais a relação do presidente com as casas administrativas no fim do mandato. Desta forma, a eleição que viria a ocorrer em 1980 não seria o primeiro marco da guinada conservadora e reacionária, mas sim resultado de um processo de idas e vindas.

A Eleição de 1980 e Ascensão de Ronald Reagan

Com base na análise conjectural do fim dos anos 70 nos Estados Unidos realizada anteriormente, neste momento voltaremos os olhares para a eleição presidencial de 1980 e a renovação neoconservadora ocorrida no país, pensando os aspectos políticos e sociais, assim como as repercussões no imaginário popular e a euforia em torno da vitória de Ronald Reagan. A ascensão dos discursos conservadores e reacionários diante da recessão econômica, dos eventos internacionais e dos movimentos internos de conquistas de direitos civis em muito influenciaram nas pautas e campanhas presidenciais dos candidatos à eleição, movimentando os partidos políticos, os colegiados e a população votante como um todo.

Como supramencionado, os políticos do partido republicano teriam perdido grande força política após as administrações de Nixon e Ford, os quais teriam protagonizado fracassos no âmbito militar e uma série de escândalos políticos. Somado à questão, temos a delicada situação econômica que não teria sido contornada de forma satisfatória pelos presidentes em questão, o que complicaria ainda mais a situação do partido. Nesse cenário os democratas se elegem com Jimmy Carter como candidato, o qual também seria afetado pela correlação entre as esferas políticas domésticas e das relações

internacionais, de forma que meteu-se em uma situação conflituosa e permitiu que os republicanos voltassem a ganhar terreno na administração do país em 1978. A questão é que todo esse processo acaba por consolidado com a vitória de Ronald Reagan em 1980, marcando a retomada do partido republicano e, sobretudo, a concretização de uma hegemonia conservadora e de direita no cenário político.

Diante do amplo cenário de experimentações do eleitorado norte americano, o que buscava-se era uma solução para as dificuldades enfrentadas no âmbito doméstico e internacional. O país estava dividido, com a ala conservadora defendendo políticas intervencionistas para superar os traumas passados, os reacionários nostálgicos com a era dourada do capitalismo e seu mar de privilégios, algumas camadas nortenhas e jovens concentrando-se ainda nas pautas sociais, etc. O fato era que a política conservadora sempre havia sido muito intensa no país, com todo o seu belicismo, valores morais e o forte estímulo consumista, o que beneficiaria a proposição da campanha eleitoral de Ronald Reagan – que já seria uma figura bastante popular por estreitar filmes hollywoodianos – como o salvador da América. Reagan não seria o responsável por essa guinada, mas sim o contexto que por ele foi aproveitado, fazendo dele o principal símbolo da renovação conservadora ou neoconservadora pela visão de alguns historiadores³⁹.

A nova onda conservadora que apareceria nesse momento não se limitaria apenas aos discursos dos velhos conservadores sulistas de fortes hábitos cristãos norte americanos, Reagan e seus assessores políticos começariam a trazer uma visão voltada para os estratos sociais símbolos do “American Way of Life”, a classe média suburbana que teria perdido privilégios com a recessão econômica e via-se confrontada com as mudanças paradigmáticas e comportamentais⁴⁰. Nesse sentido, valores morais, belicistas e consumistas são resgatados no espelho do que seria visto pelo sociólogo e cientista político Vicente Navarro como keynesianismo militarista de Reagan⁴¹.

Em aspectos gerais, no imaginário da elite conservadora norte americana os presidentes da década de 1970 teriam recuado diplomaticamente gradualmente,

³⁹ SILVA, Rodrigo. **AS GUERRAS DE REAGAN: ascensão do conservadorismo e os desdobramentos da política externa dos EUA na Era Reagan**. Mato Grosso do Sul: Revista Eletrônica História e Reflexão volume 8, n.15.

⁴⁰ Ibidem

⁴¹ NAVARRO, Vicente. **Welfare e “keynesianismo militarista” na era Reagan**. Oxford: The Political Quarterly, 1988.

chegando até o auge da redução de intervencionismo com o governo de Carter e isso foi utilizado como uma via de se chegar ao poder pelos republicanos. A campanha de Ronald Reagan em muitos pontos viria a beneficiar-se das problemáticas enfrentadas pelo governo de Jimmy Carter, demonstrando que a solução para os problemas da sociedade norte americana não seria apelar aos democratas nas urnas. Com isso, os assessores políticos prepararam ataques à política externa e transformações administrativas que Carter teria promovido em uma tentativa apelativa de pintar o opositor político como fraco e patético. O estilo de campanha supramencionado evidencia a diligência e sagacidade dos republicanos em perceber a cena política e o caótico desespero que os traumas das gestões anteriores – incluindo as de Nixon e Ford – trouxeram para a população, em especial no que tange às políticas externas. Nesse sentido, deve-se ressaltar que a principal frente propagandística e plataforma de governo pautava-se no anticomunismo e retorno à políticas belicistas⁴² – o que poderia ser considerado como uma “Nova Guerra Fria”, visto que tais questões já haviam suavizado-se⁴³.

A partir desse cenário, cautelosamente estudado pelos republicanos, percebe-se a necessidade de força e imponência para elevar os Estados Unidos novamente a um papel de liderança política, fazendo com que os demais países voltassem a respeitá-los como potência e, segundo LaFeber, Reagan seria o melhor nome para tal empreitada. Com os talentos de manter suas convicções e determinação de fazer com que o eleitorado acreditasse em sua verdade, Reagan venceria a eleição presidencial com a promessa de reerguer a confiança no governo, mostrando que os republicanos teriam êxito em permear seus discursos pela população. A crença de que Ronald Reagan enfrentaria e resolveria todos os problemas pré-existentes na sociedade o colocaria quase como a única opção para determinados políticos e parcelas da população⁴⁴.

Para Walter LeFeber, a política externa que o governo Reagan propunha-se a fazer era sustentada por quatro pilares fundamentais: uma ampliação dos poderes presidenciais, o anticomunismo, a distinção entre os conceitos de Autoritarismo e

⁴² A retomada do belicismo da Guerra Fria seria favorecida pelo contexto internacional da invasão soviética ao Afeganistão e pelo cenário iraniano, entretanto, a ascensão de Margareth Thatcher como primeira ministra britânica em 1979 seria um grande exemplo para a sociedade norte americana.

⁴³ SILVA, Rodrigo. **AS GUERRAS DE REAGAN: ascensão do conservadorismo e os desdobramentos da política externa dos EUA na Era Reagan**. Mato Grosso do Sul: Revista Eletrônica História e Reflexão volume 8, n.15.

⁴⁴ LAFEBER, Walter. **The American Age: United States foreign policy at home and abroad**. New York: W.W. Norton & Company, 1994.

Totalitarismo e uma militarização política e econômica. Tais pilares também podem ser diretamente associados às questões internas do país, em especial no que diz respeito à ampliação dos poderes presidenciais de Ronald Reagan, o que o permitiria pressionar o Congresso e as demais casas administrativas do país e, em diversos momentos, burlar as regras e sobrepor seu poder às esferas decisivas domésticas – geralmente para tomar algum tipo de decisão militarista intervencionista⁴⁵.

Os pilares do anticomunismo e de diferenciação entre “autoritários” e “totalitários” em muito foram utilizados para pautar as ações militares dos Estados Unidos mundo a fora. Reagan viria a utilizar de tais perspectivas e incitações para legitimar implementação de projetos armamentistas, intervenções em países periféricos e o “combate ao império do mal”⁴⁶. Apesar de contraditório, a diferenciação dos conceitos de autoritarismo e totalitarismo⁴⁷ acabaram por ser bastante úteis para Reagan na diferenciação de como lidar politicamente com cada nação. Nessa perspectiva, nos Estados autoritários ocorreria supressão de direitos e liberdades individuais da população, entretanto, estes manteriam-se abertos para regimes democráticos em quesitos de investimento financeiro, o que não representaria uma ameaça. Já os totalitários seriam os que não apresentassem convergência com a democracia estadunidense, vistos como hostis pelo capitalismo e opositores do governo norte americano⁴⁸.

No âmbito da política econômica Reagan partiria para a defesa da desregulamentação econômica e livre mercado. Tal concepção econômica seria defendida pelos setores conservadores do período, nomeados como neoconservadores ou a nova direita americana. Nesse sentido, percebe-se que a campanha em questão preza pela difusão de valores, que logo deveriam ser lembrados e resgatados do glorioso passado americano. O discurso individualizante e com ênfase nas ideias consumistas e de propriedade privada evidenciam quem era o foco dessa onda conservadora: a classe média. E, para além disso, ressalta-se o caráter militarista da

⁴⁵ Ibidem

⁴⁶ SILVA, Rodrigo. **AS GUERRAS DE REAGAN: ascensão do conservadorismo e os desdobramentos da política externa dos EUA na Era Reagan**. Mato Grosso do Sul: Revista Eletrônica História e Reflexão volume 8, n.15.

⁴⁷ A diferenciação entre os dois conceitos teria sido elaborada pela intelectual conservadora Jeane J. Kirkpatrick, a qual foi nomeada em 1981 pelo presidente como embaixadora dos Estados Unidos na ONU.

⁴⁸ LAFEBER, Walter. **The American Age: United States foreign policy at home and abroad**. New York: W.W. Norton & Company, 1994

política econômica que via como possibilidade a implementação de projetos de difusão armamentista como uma fonte rentável.

A percepção de uma mudança paradigmática sob a estrutura familiar tradicionalista e as perspectivas de propriedade ou estilo de vida são abertamente combatidas pelas pautas de Reagan, o que agrada em muitos aspectos os reacionários. Este grupo que já seria amplamente contemplado pelo discurso econômico e nostálgico, assim como pelo belicismo norte americano agora também se identificaria com o teor reativo às questões sociais. As falas de Reagan em diversos momentos se encaminhariam para um forte oposicionismo aos movimentos sociais e retirada de estigmas sob minorias sociais, apresentando-se abertamente como um defensor do tradicionalismo cristão.

Como conglomerado de todas as demandas que enxergavam na cena político-social, os republicanos chegaram ao slogan “Let’s Make America Great Again”, o que reunia as questões de política externa e interna. Tal slogan, que seria estampado em camisas, bonés, outdoors e até adesivos de carro, em muito representa os anseios de parte do eleitorado: fazer dos Estados Unidos da década de 1980 o que era na década de 1950. Uma potência internacional com amplo respeito, de economia forte, com pleno emprego, políticas de bem estar social, alto consumismo e o sonho do American Way of Life⁴⁹. Segundo Hobsbawm, “Reagan, talvez pelo fato de ser apenas um ator mediano de Hollywood, entendia o estado de espírito de seu povo e a profundidade das feridas causadas à sua auto-estima.⁵⁰” em referência à perda de establishment político que os Estados Unidos teria na década de 1970, o que traria a característica de campanha nostálgica ao período de preponderância política norte americana.

Nesse sentido, Ronald Reagan e a direita republicana ideológica da década de 1980 vence a eleição contra os democratas por 50,9% dos votantes, o que não representaria uma maioria tão significativa assim, mas o suficiente para que Reagan se estabelecesse no poder do país. Segundo o mapeamento realizado pelo The Washington Institute⁵¹, um dos think thanks mais famosos dos Estados Unidos, o eleitorado de Ronald Reagan na eleição presidencial de 1980 seria composto majoritariamente por eleitores sulistas

⁴⁹ SILVA, Rodrigo. **AS GUERRAS DE REAGAN: ascensão do conservadorismo e os desdobramentos da política externa dos EUA na Era Reagan**. Mato Grosso do Sul: Revista Eletrônica História e Reflexão volume 8, n.15

⁵⁰ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012, pg. 244.

⁵¹ Disponível online em: < <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/the-reagan-administrations-approach-to-middle-east-peacemaking>> Data de acesso: 18 de jan de 2020.

de classes elevadas e brancos, os quais haviam sido o foco de sua campanha eleitoral. Pensando nessa órbita podemos considerar que a campanha eleitoral dos republicanos teria sido um sucesso, uma vez que mesmo sem uma margem numérica larga de vantagem conseguem restabelecer-se nas casas administrativas em 1978 e no governo do país em 1980, minando a imagem negativa que Nixon e Ford teriam deixado dos mandatos do partido. Ademais, ressalta-se que as pesquisas realizadas pela assessoria de campanha de Ronald Reagan teriam acertado em lançar slogans, pautas e planos de governo que contemplassem a insatisfação da classe média decadente, conseguindo dialogar com seu público alvo e cativá-los.

CONCLUSÃO

As reflexões acerca do recorte temporal deste trabalho nos Estados Unidos da América nos levam a concluir algumas questões. Inicialmente gostaria de realizar uma análise acerca das convergências e diálogos entre reacionários e conservadores, que mesmo acreditando em coisas diferentes e sendo espíritos conceitualmente distintos, acabam por reunir-se em torno de objetivos comuns em diversos momentos da história. No presente trabalho busquei evidenciar os esforços dos republicanos em compreender o cenário e a nostalgia presente no imaginário político de muitos eleitores – seja em perspectivas sociais, paradigmáticas, de valores, econômica ou de status –, tal fato demonstraria o afinco do partido por reunir conservadores e reacionários em torno de um objetivo comum, assim como uma estratégia política para chegar ao poder com base nos anseios destas classes frustradas com o rumo do país. O sucesso republicano na eleição de 1980 em muito deve ser vista pela campanha política de linguajar fácil e sem muitas complicações, que conseguiria atingir as parcelas da população foco de seu discurso, assim como resgatar a confiança popular em um líder específico.

A trajetória da sociedade norte americana ao longo da segunda metade do século XX mostra-se como não linear e parte de um processo de uma série de tentativas frustradas de manter a glória, o poder aquisitivo e ao mesmo tempo o status. Ao longo da década de 1960, com as pautas sociais ainda bem desenvolvidas e o país com uma próspera economia, vemos crescer uma juventude crítica e progressista, com mais voz política e relativamente mais independente. Os anos 60, que ficariam marcados por mudanças estruturais e paradigmáticas na sociedade tradicionalista, já apresentaria um

determinado teor contra-revolucionário ou reacionário à tais questões, o qual desenvolveu-se de forma rápida e intensa pela década de 1970 junto com a recessão econômica e a perda de determinado padrão de vida. Somado a esta questão, a perda de status internacional e a política externa também acabam se tornando atenuantes neste processo. Nesse sentido, com a análise realizada neste trabalho podemos concluir também que, em aspectos gerais, a virada sob as pautas sociais e o teor crítico são abandonados mediante à crises e escândalos político-econômicos, fazendo com que a população também perca a confiança nas administrações e governantes.

Para as considerações finais deste trabalho não poderia deixar de mencionar as semelhanças e aproximações entre o cenário da década de 1980 com o dos tempos que vivemos atualmente, onde uma grande guinada conservadora e reacionária vem ocorrendo em diversos países. Com inúmeros exemplos para citar no atual contexto, gostaria de selecionar dois para mencionar nesta conclusão. O primeiro caso é a eleição do republicano Donald Trump nos Estados Unidos, o qual reutilizou o slogan da campanha presidencial de Ronald Reagan e o considerou, em uma série de falas, como o melhor presidente da história. O segundo exemplo é o brasileiro com a queda da administração do Partido dos Trabalhadores e a grande polarização política, que ganharia força com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e abriria espaço na cena política para que Jair Bolsonaro ascendesse ao poder. Em ambos os casos, tanto no norte americano como no brasileiro, os anos que antecederam a ascensão dos discursos conservadores e reacionários no cenário político foram marcados por políticas e pautas sociais seguidas por recessões econômicas. Tais situações levam-me a acreditar na percepção desses acontecimentos como fenômenos sociais cíclicos na sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTER, Jimmy. **Keeping Faith: Memoirs of a President**. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1995.

DUBERMAN, Martin. 1993. **Stonewall**. New York: Martin's Press, 1993.

FRIEDLANDER, Paul. “As raízes do rock and roll: pé na estrada”, “Os roqueiros clássicos – A segunda geração: hoje é dia de rock (item Elvis Presley)” e “É apenas rock and roll, mas eu gosto”. In: **Rock and Roll: Uma história social**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

HIRSCHMAN, Albert. **A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2º edição, 2019.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

JONES, Landon Y. **Great expectations: America and the baby boom generation**. New York, 1980.

LAFEBER, Walter. **The American Age: United States foreign policy at home and abroad**. New York: W.W. Norton & Company, 1994.

LILLA, Mark. **A mente naufragada: sobre o espírito reacionário**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

LYTLE, Mark. **America's Uncivil Wars: The Sixties Era from Elvis to the Fall of Richard Nixon**. New York: Oxford University Press, 2006.

MITCHELL, Bárbara Maia de Albuquerque. **O liberalismo moderno nos Estados Unidos: discussões acerca da sua pluralidade entre os séculos XIX e XX**. Rev. Hist. UEG - Porangatu, v.5, n.2, p. 282-306, ago./dez. 2016.

NAVARRO, Vicente. **Welfare e “keynesianismo militarista” na era Reagan**. Oxford: The Political Quarterly, 1988.

NETO, Roberto Moll. **Reganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)**. 2010. Tese (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010

NETO, Waldemar Dalenogare. **A Política Externa de Direitos Humanos de Jimmy Carter**. 2015. Tese (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em História da PUCRS. Florianópolis, 2015

PAMPLONA, Marco A. **Reverendo o Sonho Americano: 1890 – 1972**. São Paulo: Editora Atual, 1995.

Presidential Directive N 30. Carter Presidential Library. 17 de fevereiro de 1979.

SILVA, Rodrigo. **AS GUERRAS DE REAGAN: ascensão do conservadorismo e os desdobramentos da política externa dos EUA na Era Reagan**. Mato Grosso do Sul: Revista Eletrônica História e Reflexão volume 8, n.15.

SMITH, Gaddis. **Morality, Reason and Power. American Diplomacy in the Carter Years**. Atlanta: Hill & Wang, 1988.

STRONG, Robert. **Working in the World: Jimmy Carter and the Making of American Foreign Policy**. Baton Rouge : Louisiana State University Press, 2000.